

## RESENHA

Richard H. Popkin (ed.). *Scepticism in the History of Philosophy: a Pan-American Dialogue* [Archives Internationales d'Histoire des Idées, vol. 145], Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Press, 1996. ISBN 0792337697

PLÍNIO JUNQUEIRA SMITH

*Departamento de Filosofia,  
Universidade Federal do Paraná  
Rua General Carneiro, 460, 7ª andar,  
80060-150 CURITIBA, PR  
BRASIL*

*plinio@coruja.humanas.ufpr.br*

O livro editado por Richard Popkin compõe-se de dezenove artigos escritos a partir de conferências proferidas em um Congresso, realizado na Universidade da Califórnia, em Riverside, no período de 15 a 17 de fevereiro de 1991. Entre os autores, estão canadenses, americanos, mexicanos, argentinos e brasileiros. (Os artigos, é bom observar, foram todos publicados em inglês). As questões e filósofos abordados vão desde os começos da filosofia na Grécia Clássica até nossos dias. Toda essa diversidade encontra no ceticismo a sua unidade temática. Ou, mais especificamente, na história do ceticismo, uma vez que quase não há artigos de reflexão filosófica. O livro constitui uma aproximação de diferentes centros de estudos sobre ceticismo, de língua inglesa, o de língua hispânica e o de língua portuguesa e, nesse sentido, é uma obra importante. Trata-se, como diz o título, de um diálogo pan-americano. Se o livro discute o papel do ceticismo na história da filosofia, minha intenção será somente a de mostrar como o livro

está inserido no contexto atual dos estudos sobre ceticismo, bem como fazer alguns comentários gerais sobre o resultado final. Certamente cabe sublinhar, desde já, que é desejável que tal contato entre pesquisadores de diferentes lugares e tradições seja permanente e não somente esporádico.

Há já bastante tempo os estudos sobre a história do ceticismo disseminaram-se pelo mundo. Os trabalhos de Richard Popkin desempenharam um papel decisivo no desenvolvimento do conhecimento da filosofia cética, em particular do *ceticismo moderno*. Foi Popkin quem estabeleceu que o ceticismo é um dos pilares da filosofia moderna, descrevendo essa influência desde a sua redescoberta no Renascimento e seu uso nas querelas entre a Reforma e a Contra-Reforma, passando pela ampliação de seu escopo com Montaigne, pelo seu estabelecimento definitivo com a dúvida cética cartesiana, até seus desdobramentos posteriores, com Espinosa, Malebranche, Berkeley e Hume, entre outros. O quadro por ele esboçado, se correto em suas linhas gerais, necessitava de elaboração e correção nos seus detalhes. Desde então, vários estudos sobre a história do ceticismo moderno se encarregaram dessa tarefa. Alguns dos artigos do livro retomam claramente teses defendidas por Popkin sobre a história do ceticismo e, discutindo-as, propõem algumas reformulações. Esse é o caso, por exemplo, dos artigos de Leiser Madanes (“Hobbes on Peace and Truth”) e de Robert Sleigh (“Arnauld versus Leibniz and Malebranche on the Limits of Theological Knowledge”). Cabe notar, entretanto, que, para a história do ceticismo, as modificações propostas não acarretam nenhuma mudança substancial daquilo que foi dito por Popkin.

Alguns artigos discutem a presença no ceticismo na filosofia moderna sem, entretanto, partirem dos trabalhos de Popkin. Por exemplo, José Robles discute, com boa informação histórica, a questão da infinita divisibilidade da matéria, a partir do “argu-

mento do microscópio”, empregado por Malebranche (entre outros) e reinterpretado por Berkeley. Miguel Badia Cabrera escreve um cuidadoso artigo sobre a crítica que Hume dirige à religião, a fim de mostrar que a depreciação ética da religião não é uma consequência necessária do seu ceticismo; ao contrário, haveria mesmo impulsos e ações altruístas na religião. Mas a contribuição mais significativa para a compreensão do ceticismo moderno é o belo artigo de Barry Stroud (“Hume’s Scepticism: Natural Instincts and Philosophical Reflection”), em que ele revê a sua interpretação de Hume, defendida em seu importante livro (Barry Stroud (1977) *Hume* (London, Routledge x Kegan Paul)). Stroud entendia que Hume era um naturalista, e de maneira nenhuma um cético, filiando-se de bom grado à tradição inaugurada por Kemp-Smith. Entretanto, novas reflexões fizeram com que ele percebesse a força do ceticismo humeano, que não poderia ser facilmente posto de lado. O resultado é uma espécie de filosofia em que naturalismo e ceticismo devem de alguma maneira coexistir.

Também os estudos sobre o *ceticismo antigo* se aprofundaram nas últimas décadas, alcançando um nível sem precedentes. Os trabalhos de Michael Frede, Myles Burnyeat, Jonathan Barnes e Julia Annas, entre outros, revelam uma minuciosa e fecunda discussão sobre aquilo que nos legaram pirrônicos e acadêmicos. A partir deles, a produção historiográfica se intensificou e o número de publicações é bastante grande. A coletânea organizada por Popkin também reflete essa tendência da historiografia sobre o ceticismo antigo. Um exemplo é o artigo bastante interessante de Julia Annas, em que se discute a filosofia moral dos pirrônicos (“Scepticism about Value”). Aliás, esse é um tópico pouco estudado, mas que tem recebido mais de atenção recentemente. A contribuição desse artigo de Annas é das mais importantes, no qual ela apresenta uma interpretação menos desfavorável do pirronismo de Sexto em relação a um artigo anterior. Dorothea Frede, em

“How Sceptical Were the Academic Sceptics?”, discute se os céticos acadêmicos poderiam ser fiéis à idéia de que se pode argumentar de maneira estritamente dialética, sem se comprometer com nada. Sua resposta é negativa; e ela chega mesmo a estendê-la a todos aqueles que pretenderem seguir essa estratégia argumentativa. Thomas M. Robinson, em “The *Dissoi Logoi* and Early Greek Scepticism”, discute um texto bastante antigo, de autor desconhecido, mas freqüentemente associado a Sexto Empírico e ao ceticismo, em que a tese protagórica de que sempre se pode tornar um discurso mais fraco tão forte quanto seu discurso contrário é defendida e aplicada em vários tópicos. David Glidden, com um bom artigo sobre o fim da Academia, propõe uma reconstrução do pensamento de Filão de Larissa (“Philo of Larissa and Platonism”).

Também a presença do ceticismo na *filosofia contemporânea* é assunto de diversos artigos. Entre eles está o de Alejandro Ibañez, no qual se avalia em que medida o pensamento de Peirce poderia ser aproximado do ceticismo. Enquanto Peirce teria rejeitado qualquer forma radical de ceticismo, que servisse de obstáculo ao caminho da investigação, ele esitaria oferecendo uma versão mais moderada do ceticismo, em que se combinam cautela, falibilismo e busca da verdade. O artigo de Graciela de Pierris aborda um tema que vem sendo debatido há um certo tempo, mas que ainda está longe de ter tido um tratamento satisfatório: a relação entre o *Da Certeza* de Wittgenstein e o ceticismo (“Philosophical Scepticism in Wittgenstein’s *On Certainty*”). O problema central, segundo a autora, é o da fundamentação do saber e o estatuto das “hinge-propositions”. De Pierris entende que as dúvidas céticas são possíveis e que as “hinge-propositions” carecem de fundamento. Além disso, as descrições lógicas de Wittgenstein compartilhariam algumas das características das investigações filosóficas tradicionais, isto é, não invalidariam a busca pela justificação de nossas crenças. Sua conclusão, então, é a de que Wittgenstein não refuta

o ceticismo na obra *Da Certeza*. Há, ainda, um inesperado artigo sobre a “epistemologia cética” de Lévi-Strauss, de Richard Watson.

A *América Latina* e, em particular, o *Brasil* não ficaram à margem do crescimento dos estudos sobre ceticismo. Na Argentina, por exemplo, Ezequiel de Olaso fez importantes contribuições para a história do ceticismo, com sua fina erudição, seu amplo conhecimento dos textos de Sexto Empírico, Leibniz, Rousseau e Hume. No Brasil, o trabalho de Olaso também foi muito importante. Tendo morado dois anos em Campinas, ajudou a fundar o Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp e criou a Revista *Manuscrito*. Foi após o contato com Olaso que Oswaldo Porchat dedicou-se com mais afinco às obras de Sexto Empírico e ao ceticismo moderno, influenciando um grande número de filósofos brasileiros a se debruçarem sistematicamente sobre os textos céticos antigos, modernos e contemporâneos, e levando-os a produzir dissertações, teses, livros e artigos em revistas especializadas. Essas pessoas logo se organizaram e passaram a discutir regularmente suas pesquisas. Em 1986, na UNICAMP, realizou-se o primeiro Colóquio Brasileiro sobre Ceticismo. Em 1992, em Buenos Aires, Olaso organizou um Colóquio Internacional sobre Ceticismo, que teve a participação de cinco brasileiros. Esse evento foi decisivo para que se retomassem os Colóquios Brasileiros, que não cessaram desde então e que sempre contaram com participação argentina.

O livro contém uma contribuição do próprio Olaso, em que ele critica Sexto Empírico. Sexto sustenta que a investigação pirrônica é aberta, que o pirrônico está preparado para mudar de posição se o seu desenvolvimento assim o exigir. Mas, segundo Olaso, há contradição entre essas passagens e outras passagens em que parece evidente que a investigação pirrônica é fechada, isto é, que ela visa a suspensão do juízo e que o pirrônico não investiga de forma justa e imparcial. Olaso, no seu artigo, combina inter-

pretação com crítica filosófica. Duas são as contribuições brasileiras. José Raimundo de Maia Neto expõe a posição de Kierkegaard frente ao ceticismo, em particular, sua preferência pelo ceticismo antigo, que é instrumentalizado para criticar o ceticismo moderno. Danilo Marcondes de Souza Filho faz uma aproximação entre Wittgenstein e os antigos pirrônicos, mostrando uma série de semelhanças entre ambas as posições (o que me parece inteiramente correto, diga-se de passagem).

O livro, assim, reflete todas essas tendências atuais dos estudos sobre ceticismo e permite ao leitor ter uma idéia da amplitude e extensão desses estudos, mostrando que o ceticismo está muito mais presente na história da filosofia do que se poderia à primeira vista suspeitar. Há, portanto, um duplo mérito: o de reunir diferentes tradições que investigam a presença do ceticismo na história da filosofia e o de mostrar a presença do ceticismo mesmo em assuntos nos quais não se pensa que tem conexão com o ceticismo.

Entretanto, talvez se possa apontar alguns problemas no livro. O primeiro, e mais natural, é um certo desequilíbrio entre os artigos. Alguns são claramente mais ambiciosos e bem elaborados, enquanto outros são mais modestos em sua pretensão e realização. Um segundo problema é que a conexão entre alguns artigos e a questão do ceticismo é bastante remota; e, em alguns casos, embora temas ou autores céticos sejam abordados, não são temas ou autores particularmente relevantes. Disso resulta que não há, como talvez seria de se esperar, um número bastante grande de artigos sobre os temas e autores centrais do ceticismo. Por exemplo, não há nenhum artigo dedicado a Montaigne ou a Descartes, mas há artigos sobre Levi-Strauss, Samuel Clarke e Arnauld. Assim, o livro não produz uma visão de conjunto sobre a presença do ceticismo na história da filosofia, nem propicia uma reformulação significativa dos nossos conhecimentos atuais do ceticismo, exceto

no caso de um ou outro artigo. Um terceiro e talvez o principal problema é o preço do livro (US\$ 157). Cabe ao leitor avaliar a relação custo/benefício, mas não deixarei de dar a minha opinião. A meu ver, é um preço muito elevado e certamente muito elevado para o que ele oferece. Poucos estarão interessados em todo o livro, pois os filósofos, temas e épocas abordados são demasiado diversificados; logo, quem comprar o livro, estará provavelmente interessado em somente uma parte dele e, mesmo se estivesse interessado no livro inteiro, pagará um preço demasiado alto. Acrescente-se a isso que nem todos os artigos são realmente contribuições significativas em suas respectivas áreas de estudo ou para a história do ceticismo. A conclusão é óbvia: somente bibliotecas mais ricas não hesitarão em tê-lo em suas prateleiras. O que não quer dizer, como procurei deixar claro mais acima, que o livro não tenha igualmente vários méritos.

